

DEBATE DESDE A CAVERNA SOBRE O TRIÂNGULO: FILOSOFIA, VALESCA POPOZUDA E PRESIDENTE DA ABF

DEBATE FROM THE CAVE ABOUT THE TRIANGLE: PHILOSOPHY, VALESCA POPOZUDA AND ABF'S PRESIDENT

Ricardo Cortez Lopes¹
Júlio César Baldasso²

Resumo: Esse ensaio busca pensar a filosofia e o filósofo para o “senso comum” através da análise do caso em que a cantora Valesca Popozuda foi concebida como uma pensadora por parte do professor de filosofia da rede pública, Antônio Kubitschek. Argumentaremos que as críticas são oriundas de um pensamento moderno específico, o qual a filosofia é estruturada inconscientemente a partir dos conceitos de Sagrado e de Campo. Vamos observar também como alguns filósofos acabam por ressoar as concepções, seja para se legitimar ou seja por comungarem do pensamento anteriormente aludido.

Palavras-Chave: Valesca Popozuda. Campo. Sagrado;

Abstract: This essay searches to think the philosophy and the philosopher for the “common sense” through the analysis of the case which the singer Valesca Popozuda was conceived as a thinker by a philosophy teacher from the Brazilian public school system, Antônio Kubitschek. We will argue that the criticism is coming from a specific modern thought, which the philosophy is structured unconsciously from the concepts of Sacred and Field. We will also see how some philosophers eventually resonate conceptions, being to legitimize or commune by the previously alluded thought.

Keywords: Valesca Popozuda. Field. Sacred.

* * *

Introdução

Este trabalho busca analisar as consequências de um ato considerado chocante para a sociedade brasileira: as reações – na maioria desfavoráveis – à colocação em uma prova escolar de filosofia de uma menção à cantora de funk carioca Valesca dos Santos, conhecida como Valesca Popozuda. Essas opiniões, vinculados em depoimentos da internet, demonstrariam o modo como a filosofia se apresentaria e se legitimaria para não-filósofos. Vamos argumentar neste trabalho, a partir da fala de três personagens,

¹ Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rshicardo@hotmail.com

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: juliobaldasso@gmail.com

que a filosofia e o filósofo podem ser compreendidos diante do senso comum a partir desta situação extrema.

Acreditamos que esse “modo” de se pensar e classificar a filosofia pode ser muito bem apreendido pelos conceitos de Sagrado e de Campo, dos filósofos e sociólogos franceses Émile Durkheim e Pierre Bourdieu. Eles ajudam a colocar todo o enorme fluxo de documentos e depoimentos produzidos na ocasião em um sentido possível, esperando contribuir para a discussão sobre o que é ser filósofo ou sobre o que as pessoas esperam da filosofia.

O material coletado foi muito volumoso e repetitivo, de modo que escolhemos alguns dados que se mostraram mais representativos das concepções nele espreiadas, de modo a manter o anonimato daqueles que tiveram suas falas aqui expostas. Nossa amostra para captar essas elucubrações são de 3 tipos de atores: (a) o presidente da Associação Brasileira de Filosofia, que concedeu entrevista na TV fechada, (b) o internauta que comentou nas páginas em que a notícia sobre o ocorrido fora vinculada e (c) professores universitários que realizaram análises sobre o caso. Observaremos que todos os citados neste parecem concordar entre si, excluindo-se apenas o professor Kubitschek e Valesca Popozuda, mas em menor grau em comparação com o docente da rede estadual.

Uma reflexão sobre o ocorrido e as ideias que se geraram

Nas disciplinas específicas das licenciaturas, em geral, se recomenda aos professores em formação que busquem conectar o conteúdo que devem ministrar com a realidade vivida pelos seus alunos. Alguns teóricos da Educação vêm tentando demonstrar que a escola já não se mostra mais tão legítima – e portanto interessante - diante dos alunos justamente porque não apresenta algo que mantenha a atenção destes, ao apresentar-se muito distante dos discentes, e, portanto, descartáveis.

Podemos presumir que foi esta a intenção do professor Kubitschek ao inserir, em uma questão objetiva de uma prova, a letra da música “Beijinho no Ombro”, como nos mostra a Figura 1:

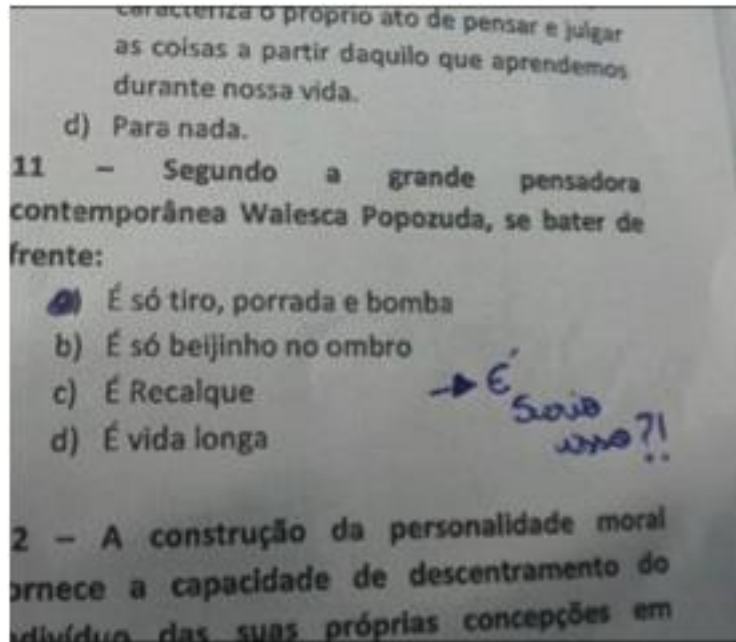


Figura 1: Questão número 11 da prova aplicada por Antônio Kubitschek. Adaptado de: <<http://www.portalthortolandia.com.br/noticias/brasil/beijinho-no-ombro-de-valesca-popozuda-vira-questao-de-prova-no-df-4461>>. Acesso em 18 dez. 2014.

Como se pode notar na figura 1, a questão veio a público a partir das redes sociais. Mas rapidamente ganhou a mídia impressa e a televisiva também. E, uma vez no meio público, foi repercutida das mais diversas maneiras. A título de ilustração da controvérsia, transcreveremos o título de uma reportagem:

Uma questão da prova de filosofia de uma escola pública do Distrito Federal vem provocando polêmica. No teste para alunos do terceiro ano do Ensino Médio, o professor se refere à funkeira Valesca Popozuda como uma grande pensadora contemporânea e pede para os estudantes completarem um dos trechos da música 'Beijinho no Ombro'³

No decorrer da dita polêmica, houve defensores e detratores da atitude do professor. O professor, ao ser entrevistado, reafirmou sua concepção de que a funkeira seria uma pensadora moderna. Esta declaração gerou uma infinidade de réplicas, mas é interessante para nosso objeto conhecer essa enunciação:

A partir do momento em que você vê várias pessoas famosas dando beijinho no ombro em referência à música de Valesca Popozuda, isso

³ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2014/04/07/VALESCA-POPOZUDA-E-CHAMADA-DE-GRANDE-PENSADORA-E-BEIJINHO-NO-OMBRO-VIRA-QUESTAO-DE-PRO.html>>. Acesso em maio 2014.

mostra que ela acabou construindo um conceito [...] se ela interfere na sociedade e influencia a sociedade com o que ela pensa, sim⁴

Neste trabalho vamos tentar primeiramente compreender os parâmetros dessa reação negativa, porque interior a elas está uma concepção específica de filosofia. Isso será feito a partir dos conceitos que vamos nos utilizar na análise dos depoimentos, vinculados na Televisão e na Internet. E, em um segundo momento, vamos tentar lançar uma hipótese de porque a filosofia é compreendida desta maneira pelos não-filósofos, sobre qual seria o substrato cultural que sustentaria essa leitura. Procedamos para a primeira etapa.

Conceito de Campo

Um conceito importante na nossa empreitada é o conceito de *campo*, elaborado pelo filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu. Vamos nos referir a esse conceito a partir da obra “O Poder Simbólico”. Bourdieu descreve, em linhas bem gerais, a segmentação das atividades do homem em campos específicos de saberes, que buscam sua autonomia própria. Os integrantes deste campo se hierarquizam dentro dele de acordo com o “capital” que dispõem, disputando a hegemonia desse campo:

Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades actuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objectivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interacções directas entre os agentes (BOURDIEU, 2012, p. 134)

Essas relações de força geram “lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos e nas quais está em jogo a própria representação do mundo social e, sobretudo, a hierarquia no seio de cada um dos campos e entre os diferentes campos.”(BOURDIEU, 2012, p. 133). Assim, são as relações que geram o campo, descrito por Bourdieu como

[...] como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se

⁴ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2014/04/07/VALESCA-POPOZUDA-E-CHAMADA-DE-GRANDE-PENSADORA-E-BEIJINHO-NO-OMBRO-VIRA-QUESTAO-DE-PRO.html>>. Acesso em maio 2014.

assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital - quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das suas posses (BOURDIEU, 2012, p. 135)

A filosofia seria um desses campos. Antes da ascensão da modernidade, esta seria um campo cuja existência estaria subordinada à filosofia apologética cristã. A modernidade autonomizou os campos, de modo que fez com que a filosofia não fosse mais dependente do cristianismo para exercer as atividades próprias de seu *métier*.

Assim, se a filosofia é um campo autônomo, segue a lógica de um: cada campo possui uma distribuição desigual de capital dentro dele, no caso da filosofia, o conhecimento filosófico ou a capacidade de simular a posse desse conhecimento. Essa distribuição de capital cria indivíduos que são dominantes no campo da filosofia. Nosso argumento é o de que, no chamado “senso comum”, um sujeito apenas pode ambicionar possuir alguma dominância ou alguma relevância nesse campo a partir do momento em que frequenta ou frequentou a universidade.

Mas e fora do campo da filosofia, onde as disputas desse campo não se processam? De que modo as pessoas conceituam a filosofia? A partir das evidências levantadas, nos arriscamos a afirmar que elas consideram efetivamente a filosofia como parte da “alta cultura”. E por esta razão não toleram quem não a respeita, e a sanção moral se torna mais intensa conforme a pessoa se encontre em uma posição mais dominante do campo, como quando possui uma educação formal em filosofia.

Agora, analisemos brevemente os depoimentos colhidos. O primeiro deles será a entrevista concedida pelo presidente da Associação Brasileira de Filosofia a uma rede de televisão a cabo:

Quer dizer, se tivesse por exemplo colocado uma questão ligada à corrupção, à CPI... ao mensalão, os presos políticos, não presos por ideologias [...] ele falaria de valores, de moral [...] a vantagem é que a gente pode fazer uma crítica do que ele fez, [crítica] pública [...] porque ele tornou público uma vulgaridade, uma leviandade e, nós, podemos então ter a oportunidade de falar da seriedade da filosofia e da importância da filosofia para a sociedade para a formação moral do jovem, porque o grande problema do Brasil é esse, uma crise moral muito grave [...] [sobre a letra da música] a filosofia não prega a

violência, só fez isso quando se tornou ideologia, e não estava mais buscando a verdade⁵.

Os termos “vulgaridade”, “leviandade”, contrapostos com a “seriedade da filosofia”, dão conta de uma crise moral já estabelecida. Assim, o campo da filosofia tem por natureza ficar totalmente apartado de um desses sintomas dessa crise moral, a violência. Segue o presidente:

[...] se ele dissesse que foi uma ironia, uma provocação, eu até admitiria, mas depois ele reforça mesmo que ela é uma grande pensadora e que criou um conceito [...] eu duvido que Sócrates tivesse feito algo dessa natureza porque é muito vulgar, né? Foi chocante porque foi um deboche contra a filosofia, porque colocar a Popozuda no mesmo nível de Sócrates, de Aristóteles, Platão fica uma coisa... E ela própria disse ser uma bobagem, “claro que não sou nada disso”, quer dizer, ela pelo menos foi mais verdadeira na declaração dela [...] agora o escândalo fez com que eu tivesse sido convidado pra cá, que outros professores [também fossem convidados para falar na televisão] [...] Agora o problema é que eles estão defendendo o indefensável, né⁶?

Se o recurso intelectual da ironia tivesse sido utilizado, seria possível reabilitar-se o professor para que este voltasse para o campo. Mas no fim este teria se condenado ainda mais ao expandir a sua ideia e reafirmar Valesca como uma pensadora. Em seguida, evoca dominantes do campo, detentores de alto capital dentro dele, como Sócrates, Aristóteles e Platão para estabelecer o que realmente é filosofia, o que está dentro desse espaço.

De maneira um pouco diferente do Presidente – no momento em que admite o uso de trechos de músicas em provas de filosofia, mesmo sem aprovar o modo como a música em questão foi utilizada - mas concordante com este na questão do posicionamento da funkeira no campo da filosofia, um professor universitário afirma:

Não vejo nenhum problema em usar trechos de músicas ou poemas em provas. Por outro lado, eu faria algumas restrições ao chamar a funkeira de grande pensadora, já que esse tipo de título deve ser dado a pessoas que tenham dado alguma contribuição significativa à

⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/professor-destruiu-fundamento-da-filosofia-diz-presidente-da-abf-sobre-questao-em-prova/3268154/>>. Acesso em maio 2014.

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/professor-destruiu-fundamento-da-filosofia-diz-presidente-da-abf-sobre-questao-em-prova/3268154/>>. Acesso em maio 2014.

produção seja musical, teatral ou no campo acadêmico. Chamá-la de grande pensadora parece um exagero⁷

Dois integrantes do campo, portanto, localizam Valesca nas posições mais baixas deste. Veremos, no entanto, que esta posição é compartilhada por um internauta, que ressalta que o aspecto “burocrático” da produção é essencial para se poder entrar no espaço de disputa: “cada polêmica inútil. Mas por se tratar de prova, que questionamentos ela tem afinal? Além de fazer música de trabalho? Quais foram seus artigos? seus livros publicados? [sic]”⁸. Nesse sentido, semelhantemente aos dois professores, seu posicionamento é o de que possuir o capital no campo é o que permite a entrada em uma posição dominante, como o é a de pensador.

As coisas começam a ficar mais interessantes ainda quando se começa a questionar não a necessidade do campo, mas sim a possibilidade de seus integrantes não estarem efetivamente construindo esse campo, mas sim o desvirtuando. Desse modo o campo existiria, mas estaria ameaçado em sua existência verdadeira. Nesse sentido, algumas pessoas afirmam que os integrantes do campo já não estão mais se utilizando de capital do campo para realizar a verdadeira atividade filosófica:

Este professor mostra a decadência acadêmica brasileira!! Tratou os alunos como idiotas q que curtem outaria [sic]. Elevar uma pessoa sem nenhum preparo ao nível de "pensadora"!!! Aposto q nem msm ele q assentou seis anos numa cadeia da faculdade já recebeu tal título!! O cara é um mediocre!! [sic]⁹

O título demarca que o professor ter se “assentado” em uma cadeira de faculdade não é o suficiente para elevar uma pessoa à posição de dominante no campo, como “pensador”. É uma interessante oposição aos relatos anteriores, nos quais se admitia que um filósofo já poderia ser formado a partir da educação formal. Portanto, aqui já se ataca o filósofo em si e como um todo, e não apenas o seu ato. Se para um filósofo “oficialmente” estabelecido já é possível não se posicionar no campo, para quem não possui a titulação a situação é mais grave ainda, o que torna a afirmativa de que Valesca é uma pensadora ainda mais errônea.

⁷ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2014/04/07/VALESCA-POPOZUDA-E-CHAMADA-DE-GRANDE-PENSADORA-E-BEIJINHO-NO-OMBRO-VIRA-QUESTAO-DE-PRO.html>>. Acesso em maio 2014.

⁸ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/04/professor-explica-valesca-popozuda-em-prova-provocacao-imprensa.html>>. Acesso em maio 2014.

⁹ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/04/professor-explica-valesca-popozuda-em-prova-provocacao-imprensa.html>>. Acesso em maio 2014.

Mas o professor teria ido mais longe, ao pretender, além de se utilizar das ideias “nulas” da cantora, ainda promover o encontro físico entre professor (que em geral é um profissional dotado de virtude) e a funkeira (profissional da corrupção), que é quase como um contágio completo ao também concretizar essa aproximação:

Não entendi uma coisa: No início eu achei que uma pessoa que se pressupõe formada em filosofia só poderia estar sendo irônica em chamar tão renomada nulidade em pensadora. Pra provar a sua pouca inteligência, a "homenageda" agradeceu e pediu pra conhecer o professor e o professor pra pegar carona no sucesso gerado pela polêmica agora vai encontrá-la e confirmar na frente das câmeras de TV que ela realmente é uma pensadora. Vão permitir que esse sujeito continue dando aulas? vão permitir que "Tiro, porrada e bomba" uma verdadeira incitação à violência e apologia ao crime seja transformada em linha de pensamento? [sic]¹⁰

Notemos, a questão agora é o mérito da própria cantora. Os outros depoentes silenciaram sobre as qualidades desta, mas esse internauta buscou as descrever. E, na concepção deste, não haveria um “pensamento” genuíno (acreditamos que no sentido de um realismo ingênuo) envolvido na produção intelectual de Valesca, o que de certa forma complementa as argumentações anteriores, que apenas tomaram como pressuposto a não miscibilidade da filosofia com a “baixa cultura”.

Essa ideia de “nulidade epistêmica” (expressão nossa) se repete em outro comentário. Mas este comentário é mais contingencial do que os outros, ligado a um contexto político mais do que à busca de essências. Segundo esse comentário, o prosseguimento da situação que descreve demarcaria a impossibilidade de se atingir o estado de civilização:

[...] Mas em época de governo do PT, onde vemos uma imoral inversão de valores, chamar uma nulidade como Valesca Popozuda de "grande pensadora" soa até bem natural. Enquanto não se investir em Educação de Qualidade, o Brasil continuará sendo terra de samba e pandeiro. E de fanque. Ou funk, sei lá. [sic]¹¹

A fala deste sujeito de certa forma retira a responsabilidade do professor em vista do contexto que o cerca. Diferentemente de outro internauta, que considera que o professor não deveria nem mesmo ser considerado como pertencente ao campo da

¹⁰ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/professor-sai-em-defesa-de-valesca-popuzuda-eu-a-considero-uma-pensadora>>. Acesso em maio 2014.

¹¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/professor-sai-em-defesa-de-valesca-popuzuda-eu-a-considero-uma-pensadora>>. Acesso em maio 2014.

filosofia, por não possuir incorporado nada do capital do campo: “Só na pergunta já fica evidente que o professor é fraco e deveria ser demitido por justa causa... a educação no Brasil é uma piada... haja cotas pra salvar esse povo da ignorância...”¹².

Mas nos parece que a reflexão ficará incompleta se pensarmos a filosofia apenas em termos de campo. Porque se observarmos a questão do ponto de vista do sagrado, podemos perceber que a filosofia não é só considerada como um ideal que somente pode ser alcançado através do rito de iniciação universitário, mas também pode ser considerada como algo repulsivo, e a “elevação” de Valesca à condição de pensadora serve como uma evidência de como se pode ir da exaltação à depreciação em muito pouco tempo.

Conceito de Sagrado

O sagrado da filosofia tem a ver justamente com essa “alta cultura”, que seria o legado da civilização moderna ocidental, emancipadora e maximizadora da felicidade humana. Este projeto moderno é contradito por alguns setores da academia, mas também por quem não está dentro dela. Um exemplo seria a grande maioria dos alunos não se portar tal como o ambiente escolar exige, desrespeitando toda esta cultura escolar que se considera salvacionista.

Mas o que seria o sagrado? Seria um ideal que se traveste de transcendência. Que está além das “mãos humanas”. Que integra os pensamentos em volta de um consenso em determinado assunto. Por essa razão, o sagrado é a primeira forma de integração social, uma vez que direciona as Representações Individuais para uma primeira Representação Coletiva, o totem (FILHO, 2004, p. 33), seguidas de outras representações que vão se estabelecendo e ditando as regras do social.

O sagrado, portanto, não é apenas religioso. E a filosofia o possuiria também:

O objeto sagrado inspira-nos senão o temor pelo menos um respeito que dele nos afasta que nos matem à distância; ao mesmo tempo, ele é objeto de amor e de desejo; tendemos a nos aproximar dele, aspirarmos ir ao seu encontro. Eis aí um duplo sentimento que parece contraditório, mas que nem por isso deixa de existir na realidade (DURKHEIM, 1996, p. 321)

¹² Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/professor-sai-em-defesa-de-valesca-popuzuda-eu-a-considero-uma-pensadora>>. Acesso em maio 2014.

O sagrado, então, inspira um temor. Só é possível alguém se aproximar do sagrado da filosofia através da mediação de uma outra instituição moderna, que é a universidade. Do contrário, a pessoa simplesmente não estaria habilitada nem para começar a discutir filosofia, pois não teria condições de a entender, relegando-a à quem pudesse alcançar esse sagrado através da educação especializada.

Mas também há uma repulsa por parte de quem não se aproximou ou não consegue se aproximar desse sagrado, ou seja, os não-filósofos. Essa repulsa está ligada a uma negação: a de supor que a filosofia não tem “utilidade prática”, e que está ligada à mera especulação infrutífera. Mais adiante este ponto ficará muito claro.

Passemos então aos depoimentos. O primeiro poderia ser o da própria Valesca, que parece ter detectado a existência desse sagrado ao afirmar que suas palavras não teriam grande efeito no assunto relacionado a ela:

Vamos falar de polêmica então? Pois é vocês já devem ter visto aquela questão de uma prova que caiu um pedacinho da minha música né? E daí que o professor ainda escreveu “Pensadora contemporânea” hahaha acho que o que criou toda essa confusão é esse tal “Pensadora” que ele colocou hahah mas tudo bem vamos lá: todo mundo quer saber o que eu acho e eu vou dar minha opinião mesmo que ela não tenha grande efeito, EU ACHO UMA BOBAGEM ISSO TUDO, talvez se ele tivesse colocado um trecho de qualquer música de MPB ou até mesmo de qualquer outro gênero musical que não fosse o FUNK talvez não tivesse gerado tal problema sabia!¹³

A Música Popular Brasileira (MPB) estaria a altura do sagrado da filosofia, podendo se associar a ela em uma questão de prova. Mas, uma vez esse sagrado ofendido com a sua associação ao funk, nasceu a polêmica. Misturou-se o profano com o sagrado, e daí gerou-se a controvérsia. Esse fato nos parece bem ilustrado na apreciação de comentários sucintos, mas muito significativos para o nosso estudo: “Meu Deus! O que mais falta acontecer nesse mundo ??” e “Situação lamentável, jogaram a dita Filosofia no lixo”¹⁴. Observa-se que efetivamente a polêmica apontada por Valesca está em curso e por mais que existam defensores da cantora, como pode ser observado no comentário seguinte, a grande maioria resistiu à caracterização de Valesca como uma grande pensadora.

¹³ Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/valesca-popozuda-e-chamada-de-pensadora-e-causa-polemica-1582375>>. Acesso em maio 2014

¹⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/valesca-popozuda-numa-prova-de-filosofia-e-o-fim-da-escola-ou-popozuda-e-a-nossa-schopenhauer/>>. Acesso em maio 2014

Suas músicas tem alto teor desconstrutivista de viés feminista, pois questionam o papel patriarcal e dominante do homem no sexo: "Late que eu to passando, "Minha buceta é o poder" etc. Como ela falou, se fosse alguém da MPB ou americano, mesmo sem ter publicado qualquer artigo ou livro, teria passado despercebido¹⁵.

Geralmente essa resistência se deu tomando como argumento o tipo da música e a letra, podendo-se imaginar que tenha um grande fundo de preconceito com a classe que geralmente esse ritmo agrada, como é possível verificar com a opinião de um internauta: "NÃO, NÃO, NÃO e NÃO! Que viés feminista meu amigo?? "My Pussy é o poder" - viés feminista?? Como alguém pode acreditar nisto e dizer que é contra o machismo. Esta música é RIDÍCULA, a letra é HORRÍVEL e a melodia PIOR. Pelo amor de Deus!"¹⁶.

A fala do presidente da Associação Brasileira de Filosofia retorna aos nossos cuidados por se mostrar muito significativa nesse contexto:

Veja bem, ele conseguiu o objetivo, que era criar uma polêmica, mas não sei se a polêmica interessa à Filosofia [...] [agradece aos alunos da rede pública por] tornar a foto pública, porque na verdade aquilo é um escândalo [...] Mas me pergunto se o escândalo é a melhor maneira de se fazer pensar [...] A minha posição é mais crítica[...] Falar de conceito, que conceito? Beijinho no ombro é conceito de quê? [...] ela criou um bordão que é um sucesso de massa impressionante [...] mas daí você achar que isso é filosofia, entende? Daqui a pouco Einstein também vai ser considerado um autor menor [...] eu acho que o funk é importante para ser discutido em sala de aula. Eu, por exemplo, sou muito mais ligado à música erudita, à Música Popular Brasileira, mas eu defendo o funk, também pode ser útil [...] primeiro porque agrada o jovem [...] não adianta se voltar contra aquilo que já é um sucesso, você pode melhorar[...] estou com um projeto de "funk e filosofia" para levar mais qualidade às composições¹⁷

Concordando por um lado com o presidente – na medida em que afirma que a escola deve abordar conteúdos de alto nível – e discordando em outro – quando afirma que não foi o melhor caminho tomado pelo professor, em vez de o repudiar – outro professor universitário, que não é o mesmo sobre o qual comentamos na seção anterior, afirmou que a instituição escola deveria sempre abordar conteúdos de “alto nível”:

¹⁵ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/04/professor-explica-valesca-popozuda-em-prova-provocacao-imprensa.html>>. Acesso em maio 2014.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/04/professor-explica-valesca-popozuda-em-prova-provocacao-imprensa.html>>. Acesso em maio 2014.

¹⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/professor-destruiu-fundamento-da-filosofia-diz-presidente-da-abf-sobre-questao-em-prova/3268154/>>. Acesso em maio 2014.

[...] a introdução do ensino da filosofia foi no sentido de proporcionar aos alunos um tempo dedicado à sociedade contemporânea e aos problemas que nos atingem. Acredito que a prova de filosofia, como foi elaborada, não foi o melhor caminho para alcançar esse objetivo. A escola é uma instituição que deve abordar conteúdos de alto nível e episódios como esse não acrescentam à educação brasileira.¹⁸

Observamos, portanto, um comportamento mais exaltado e outro mais contemporizado. Mas nos interessa, nesse momento, o comportamento mais exaltado, porque eles é que mostrarão que o que houve foi a mácula de um sentimento coletivo compartilhado por alguns sujeitos. Essa chaga foi acompanhada de uma crise, da qual Kubitschek parece ter se tornado um bode expiatório:

A culpa não é da educação brasileira, a culpa é do professor de filosofia, que é um tapado. Depois vem justificar seu ato com uma resposta mais filosófica ainda ... Infantil e apelativo, o professor de filosofia não soube admitir ..., e prefere acusar todo mundo de preconceito com as mulheres funkeiras. Por um meio de vida tão inteligente, não deveriam ser alvo de “pré-conceito” (igual os manés de filosofia dizem hehe). Qual é o foco real da questão: Foi vazia. Uma brincadeira de muito mal gosto e incompatível com a posição do profissional de educação. Porém, digno de um professor que leciona filosofia (outro “pensador contemporâneo”). Enfim, concordo com o sr. [Reinaldo] Azevedo. Precisamos de menos filosofia e sociologia e MUITO mais matemática e LP. (eu estaria disposto a discutir com esse tapado até o fim do ano se ele considerasse essa questão na prova, eu juro)” [sic]¹⁹

A palavra “preconceito” é evocada, e seria conceituada pelo ator como algo que não existiria de fato porque o conhecimento ao qual se está tentando valorar seria inferior do ponto de vista epistemológico, e, dessa maneira, não necessitaria de espaço para ser expressado. Aliás, possivelmente nem conhecimento seria, ou seja, não possuiria lastro racional para chegar ao Sagrado. Portanto, é um relato que concorda com os anteriores, mas ressalta que são influências externas ao campo da filosofia - possivelmente o politicamente correto, que o ator não citou diretamente, mas que pareceu apontar com seus referentes – que foram incorporados pelo professor. Assim,

¹⁸ Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2014/04/07/VALESCA-POPOZUDA-E-CHAMADA-DE-GRANDE-PENSADORA-E-BEIJINHO-NO-OMBRO-VIRA-QUESTAO-DE-PRO.html>>. Acesso em maio 2014.

¹⁹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/valesca-popozuda-numa-prova-de-filosofia-e-o-fim-da-escola-ou-popozuda-e-a-nossa-schopenhauer/>>. Acesso em maio 2014

em relação aos outros depoimentos, este foi mais direto em apontar o que considera como a causa do ato do professor.

Discordando em parte desta última fala no sentido de conferir uma pequena abertura para o conteúdo abominado pelos outros depoentes, um internauta, que seria um (alegado) professor afirma que é possível fazer concessões a elementos exógenos da filosofia, desde que essas concessões não se convertam de parte a todo, para não corromper completamente a verdadeira filosofia:

Como professor achei realmente provocante a questão. E a expressão "pensadora contemporânea" soa como uma certa ironia. Tanto que "causou" mesmo! O problema é se a prova - que desconheço - ficar toda nesse tom, nesse nível. Aí sim seria um tiro no pé, gol contra a educação. Ademais, a mocidade está cantando essa coisa o tempo todo, será que sabem o que significam as palavras que ela canta? E você sabe essa linguagem que já está tão popular na juventude (recalque, beijinho no ombro etc)? É o jargão lixo, mas está aí e ponto. [sic]²⁰

Portanto, ao contrário dos depoimentos anteriores, há uma aceitação da existência do diferente, mesmo que a contragosto – possivelmente desejando a reversão desse quadro. De certa maneira continuando essa argumentação anterior, para outro ator a filosofia teria a função de introduzir o aluno nesta alta cultura, desviando-o de tudo que poderíamos chamar de “*Outsider*”, que corromperia facilmente este aluno:

[...] O primeiro passo na educação é elucidar para o aluno que o conceito de filosofia, não é o universo de discurso de bêbados e drogados da boca de fumo local, e nem as conseqüentes aberrações mentais daí decorrentes. O que sobrou da educação, e da alta cultura ? Nossos anseios como nação seriam o rebaixamento ao nível da cloaca máxima? Nossas questões relevantes como povo, se colocam nesse nível? O estudo de ciência e cultura e sua propagação, deve focar nos aspectos mais grotescos, tacanhos e incivilizados da pseudo-cultura da orgia? Quem disse por aí que o brasileiro é esse ser dos monturos, da indigência e inconsciência? E ainda um completo beócio, um boçal que busca evidência no baixo círculo dos jornais de suburbio, tem a petulância de se colocar como professor, e pior, de Filosofia. [sic]²¹

Podemos observar que há a descrição daquilo que se deve evitar nesta escrita. Enquanto os outros depoimentos silenciaram quanto ao assunto ou apenas o

²⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/04/agradeco-ao-professor-diz-valesca-popozuda-sobre-questao-polemica.html>>. Acesso em maio 2014.

²¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/valesca-popozuda-numa-prova-de-filosofia-e-o-fim-da-escola-ou-popozuda-e-a-nossa-schopenhauer/>>. Acesso em maio 2014

tangenciaram, este comentário tratou de descrever o que denominou como “[...] universo de discurso de bêbados e drogados da boca de fumo local, e nem as consequentes aberrações mentais daí decorrentes”²². Não estamos afirmando que os professores e os internautas que se alegam pertencentes ao campo da educação desenvolvessem seus argumentos exatamente nesses termos – não acreditamos que estes compactuem exatamente desta visão – mas é interessante perceber que, a partir da leitura destas demonstrações até certo ponto “grosseiras”, se possa visualizar que os críticos acabam por silenciar quanto ao pressuposto que utilizaram para não admitirem o ato de Kubitschek, o que já é bem aparente no trecho evidenciado.

Concluimos afirmando que a polêmica foi resultado justamente desse contato promovido entre a cultura “elevada” e o “não-cultural” (apenas corrupto). Confrontam-se dois projetos: um de uma homogeneização cultural, um outro de uma tentativa de inclusão. O mais relevante em sua compreensão para esse ensaio, todavia, é esse primeiro projeto. À guisa de conclusão, tentemos delimitar esse projeto homogeneizador, provavelmente partilhado pelos internautas que aqui nos cederam seus depoimentos.

A filosofia como parte do projeto eurocêntrico

A filosofia, entendida por esses comentadores, pode ser inserida dentro de um projeto maior, o denominado moderno. Nesta seção vamos realizar o seguinte percurso argumentativo: primeiramente vamos descrever as características desse projeto; posteriormente, vamos analisar as suas contestações e as suas críticas; em um último momento, nosso alvo será a reação de grupos que acreditam nesse modelo frente à contestação deste projeto e que reagem segundo o parâmetro da missão civilizacional, tal como veremos agora.

Associado com o projeto moderno ao qual estamos aludindo está um “processo civilizador” e salvacionista, do qual a escola, a universidade e a filosofia fazem parte como instâncias de socialização do sujeito nesses ideais. Isso porque a instituição escola está inserida dentro de um processo maior, que é o estabelecimento de uma cultura

²² Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/valesca-popozuda-numa-prova-de-filosofia-e-o-fim-da-escola-ou-popozuda-e-a-nossa-schopenhauer/>>. Acesso em maio 2014

ocidental letrada e transcendente, ligada a um processo de “esclarecimento”, cuja genética remete à cultura europeia como fim em si mesmo:

Historicamente, esse projeto abriga-se no contexto do impacto que a consolidação das ciências, e em especial da ciência positiva dos fatos sociais, têm sobre a filosofia pensada como uma teoria da totalidade dos entes e sua representação. A constituição de ontologias regionais a respeito do mundo passa para o domínio das ciências que se autonomizam, reivindicando para si a primazia de uma notação crível do real porque empiricamente demonstrável. Assim, está implícito na redução social das categorias que um saber sobre o conhecimento é um saber sobre o mundo, e a proposição da sociedade como seu espaço de constituição lógica remete à clivagem de uma região estipulável pela ciência. (FILHO, 2004, p. 23)

Ou seja, as ciências se asseguram com a primazia para a apreciação do real através do uso da demonstração empírica, aquela que garantiria o raciocínio válido do ponto de vista lógico e comprovável. E quem “consegue” chegar a esse tipo de elaboração consegue atingir o ápice de uma escala evolutiva:

Assim, o pensamento moderno europeu coloca-se a si próprio como um saber superior no mesmo movimento que qualifica todos os outros saberes como locais, regionais ou provincianos. Sabemos como esse movimento de colonização do conhecimento pelo pensamento moderno europeu se constrói numa dupla configuração territorial: uma interna aos estados territoriais nascentes, na medida que o outro, interno, é qualificado como provinciano, regional ou que sequer fala uma língua tendo, no máximo, um dialeto (GONÇALVES, 2002, p. 218)

O movimento seguinte é o de que esse pensamento tenta inferiorizar os pensamentos que não partilham desses mesmos axiomas, para além de deixar suas conclusões realizarem essa demonstração por si mesmos:

Esse pensamento moderno europeu, hoje em crise, na sua busca de uma verdade objetiva distinguiu objetos “claros e definidos”, retirou o sujeito da relação que, assim, de fora, pelo método científico, isto é, racional, desvendaria os mistérios da natureza para melhor dominá-la. Assim, se ergue todo um conjunto de categorias dualistas características do pensamento moderno europeu –natureza e cultura; sujeito e objeto; matéria e espírito; corpo e mente; razão e emoção; indivíduo e sociedade; ser e pensamento. (GONÇALVES, 2002, p. 219)

Assim, o alcance de uma pura objetividade seria a missão e o caminho desse pensamento, remetido a um realismo ingênuo, tal como já aludimos anteriormente.

Desse modo, a filosofia, que não lida exatamente com a objetividade, pode ser considerada como um pensamento inútil a partir deste ponto de vista se for conduzida fora desse modelo, e passará a não ser respeitada como conhecimento por quem partilha esse tipo de concepção.

Mas, para além de um projeto epistemológico, essa modernidade também foi um projeto político: o de comungar as pessoas em torno de um progresso material que automaticamente igualizaria a humanidade em um futuro (mais próximo ou mais distante). Todavia, este projeto não se concretizou – com um destaque maior para os países colonizados, onde as diferenças sociais ou se mantiveram ou se acentuaram – e o “encanto” deste discurso se cessou: a partir dos anos 40 e com mais intensidade dos anos 60, foi possível perceber uma série de contestações a essa razão moderna com muito mais força:

Vivemos, neste final de século, um novo e peculiar período de aceleração histórica. Rápidas e profundas mudanças econômicas, sociais, técnicas e culturais articulam-se de maneira imprevisível. Certezas e esperanças que orientaram a ação humana desde o século das luzes, em poucos anos, perderam sua base de inspiração. Energias, utopias e ideais revolucionários foram atingidos por um brusco processo de entropia (CATTANI, 1996, p. 15)

Portanto, a certeza que poderia ser dada pela empiria não se mostrou tão universalmente consolidada, e a contestação se iniciou. Também o filósofo Eugênio Trías percebe esta controvérsia, mas a define como uma crise:

Tudo isto tem por situação e horizonte uma crise geral que afecta a ideia, ou o ideal, de razão que o Ocidente, desde as Luzes, foi forjando e estabelecendo [...] essa razão proclamada pelos nossos avós esclarecidos foi cega a esses substratos religiosos [e culturais, no nosso caso] que hoje surgem com uma força e um vigor inusitados (TRÍAS, 1997, p. 115)

Eram inusitados para a época em que se pensava que a razão moderna seria totalmente aplicada em todo o globo em pouco o tempo e que persistiria *ad infinitum*. Contestação ou crise, esses trechos indicam que a filosofia das luzes perdeu sua legitimidade, anteriormente tão certa e difundida – e crida de maneira esperançosa- e o que estava rigidamente certo acaba por se tornar questionado momentos depois:

[...] sobretudo depois de Heisenberg, com seu “princípio de incerteza”, [esse projeto moderno] já não se sustenta e se vê obrigado a

reconhecer que na *Physis* além de “leis da natureza”, ordem e causalidade/necessidade há, também, indeterminação, acaso e caos; que, além do conhecimento científico, existem outras formas de conhecimento e, mesmo, que o conhecimento está, no mínimo, inscrito na vida (bios) e, mais ainda, que esse pensamento atomístico-individualista [...] que opera por dicotomias é mais característico desse pensamento moderno europeu do que do “pensamento selvagem”, aqui para ficarmos com a expressão de Lèvy-Strauss (GONÇALVES, 2002, p. 220)

Spivak também reconhece uma crítica a esse sujeito objetivista - que é também dicotomista – que ambiciona (e procura) se livrar de amarras subjetivas:

Algumas das críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente hoje são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito. A teoria dos “sujeitos-efeitos” pluralizados dá a ilusão de um abalo na soberania subjetiva, quando, muitas vezes, proporciona apenas uma camuflagem para esse sujeito do conhecimento. Embora a história da Europa como Sujeito seja narrada pela lei, pela economia política e pela ideologia do Ocidente, esse Sujeito oculto alega não ter “nenhuma determinação geopolítica”. Assim, a tão difundida crítica ao sujeito soberano realmente inaugura um Sujeito (SPIVAK, 2010, p. 21)

Portanto, esse ideal moderno foi muito presente por muito tempo na cultura ocidental, mas perdeu sua legitimidade para muitos sujeitos, de modo que alguns valores formulados nessa modernidade primeira acabaram por se tornar “obsoletos” diante da nova realidade – como o amor (COSTA, 2005, p. 112).

No entanto, apesar de alguns chamarem esse pensamento moderno de “ilusão”, ele é concebido como “natural” para muitos sujeitos da atualidade, que defendem e agem em prol deste. E a existência da partilha destas concepções está evidenciada muito por conta dos depoimentos que aqui analisamos.

Estes indivíduos percebem que outras variedades culturais se expressam ao invés de serem silenciadas em prol de um projeto civilizacional - ou não se expressam em termos desse projeto civilizacional, que seriam os aceitáveis - e reagem de determinada maneira. Assim, pensando-se em uma perspectiva mais ampla, que é a questão do multiculturalismo, é possível refinar-se um pouco mais essa afirmação:

[o ideal moderno] Está inscrito numa constelação cultural específica, a da modernidade ocidental, e essa constelação, por coexistir com outras em um mundo que agora se reconhece como multicultural, não pode, sem mais reivindicar a universalidade de seus valores. Sabemos hoje que, se essa reivindicação se recusar a dar as razões que a sustentam e a dialogar com outras que eventualmente a contestam, só se imporá

por força de circunstâncias que lhe são estranhas e que, como tal, a transformam numa reivindicação imperial (DE SOUSA SANTOS, 2003, p. 42)

No interior desta visão que se sente ameaçada está um essencialismo (o da objetividade), que confere a sensação de uma estabilidade compartilhada e que se sente ameaçado com a instabilidade de outras maneiras de se pensar - como a pós-moderna, que nega o essencialismo (MOHANTY, 1993, p. 32).

Esse conflito intelectual acaba por se reproduzir no cotidiano em algumas relações. É possível perceber que o professor foi o disparador desta situação específica de conflito ao trazer uma manifestação que não pode ser considerada cultural (um funk) para o interior uma instituição que carrega esse ideal moderno e civilizador. Assim, a indignação nasce e os comentários giram em torno de apontar essa contradição. Conforme a identificação da pessoa com esse ideal moderno se estabelece um nível de agressão variável ao iconoclasta – no caso Kubitschek.

Considerações Finais

Nesta pesquisa buscamos captar um pouco do pensamento do “senso comum” acerca da filosofia argumentando que este a interpreta segundo dois conceitos articuladores: o conceito de campo (elaborado por Pierre Bourdieu) e o conceito de sagrado (elaborado por Émile Durkheim), em uma situação-limite: a exposição de uma das questões da prova de filosofia de um professor da rede estadual do Rio de Janeiro, na qual constava um fragmento da letra de um funk. Esta situação gerou uma comoção pública, e aproveitamos esse momento de crise para refletirmos sobre as falas dos sujeitos.

Gostaríamos de concluir este ensaio com algumas reflexões finais.

A primeira é de que entendemos que esse estudo, na tentativa de verificar a base de legitimidade social da filosofia, pode ser importante tanto para os professores que lecionam para seus alunos nas escolas quanto para o filósofo que tenta dialogar com os seus patrícios não-filósofos. Essa comunicação é uma tarefa muito difícil, mas que não deve nunca ser abandonada.

É interessante também notar que alguns filósofos podem se utilizar desse sagrado e desse campo para se legitimarem socialmente, condenando a atitude de filósofos como o professor Kubitschek. Isso é, em nossa concepção, o oposto da tarefa

da filosofia, que é justamente a de questionar o já estabelecido socialmente, ou, ao menos, não condenar as ideias de um filósofo por motivos sociais. Gostaríamos de ressaltar que não estamos buscando nesse texto ofender nenhum filósofo que compactue com as ideias aqui expostas. Apenas estamos tentando contribuir com o debate público que se gerou, sem eleger um lado específico. Todavia, se algum filósofo sentir-se ofendido com o escopo do texto, considerando que o assunto não merece nem ao menos ser mencionado, provavelmente estará apenas confirmando a teoria aqui exposta.

Também acreditamos que a relação entre sociedade e filosofia não teria deixado de existir assim que a ciência se estabeleceu como paradigma dominante. Ela ainda existe, e as pessoas ainda consideram a filosofia essencial (mesmo que não acreditem que os filósofos tenham as habilidades de cultivá-la, sendo que, a nosso ver é uma afirmação falaciosa). Cremos que foi possível identificar essa dimensão através desses dois conceitos, que estruturam inconscientemente (por conta da organização social ao qual estamos submetidos) a concepção sobre esse assunto.

Para concluir, gostaríamos de registrar uma ironia contingencial, que é a do professor possuir o sobrenome do fundador de Brasília, o ex-presidente Juscelino Kubitschek. A cidade de Brasília foi construída a partir do zero, em uma grande empreitada que gerou uma dívida externa amortizada pela economia do país apenas anos mais tarde e também uma grande polêmica na época de sua projeção. No fim, o professor sugeriu também uma troca de “centralidade” (a capital do país, na analogia) do pensamento filosófico: da alta cultura para a difusão desta no tecido social.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ ; Bertrand Brasil, 1989. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ : Bertrand Brasil, 2012.
- CATTANI, A. D. *Trabalho e autonomia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- COSTA, S. *Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia*. In: Novos Estudos-CEBRAP, São Paulo, v.1, n.73, p. 111-124, nov. 2005
- DE SOUSA SANTOS, B; AVRITZER, L. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- FILHO, F. P. *A noção de representação em Durkheim*. Lua nova. São Paulo, v.1, n. 61, p.139-155, jul/dez 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a08n61> . Acesso em: 20/04/2014
- GONÇALVES, C. W. P. *Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*. Instituto de Investigaciones Histórico-Sociales, Universidad Veracruzana, 2002

MOHANTY, S. P. *The Epistemic Status of Cultural Identity: on "Beloved" and the postcolonial condition*. Minnesota: Cultural Critique, 1993.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRÍAS, E. *Pensar a religião: o símbolo e o sagrado*. In: DERRIDA, J. *A religião: o seminário de Capri*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

Sites Consultados:

AGRADEÇO ao professor. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/04/agradeco-ao-professor-diz-valesca-popozuda-sobre-questao-polemica.html>>. Acesso em maio 2014.

AZEVEDO, Reinaldo. Valesca Popozuda numa prova de filosofia e o fim da escola ou popozuda é a nossa Schopenhauer. Blogs Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/valesca-popozuda-numa-prova-de-filosofia-e-o-fim-da-escola-ou-popozuda-e-a-nossa-schopenhauer/>>. Acesso em maio 2014

BEIJINHO no ombro de Valesca Popozuda vira questão de prova no Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.portalthortolandia.com.br/noticias/brasil/beijinho-no-ombro-de-valesca-popozuda-vira-questao-de-prova-no-df-4461>>. Acesso em maio 2014.

PROFESSOR destruiu fundamento da Filosofia. Entrevista com João Ricardo Moderno. 30'13''. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/professor-destruiu-fundamento-da-filosofia-diz-presidente-da-abf-sobre-questao-em-prova/3268154/>>. Acesso em maio 2014.

PROFESSOR explica Valesca Popozuda em prova. Pragmatismo Político. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/04/professor-explica-valesca-popozuda-em-prova-provocacao-imprensa.html>>. Acesso em maio 2014.

PROFESSOR sai em defesa de Valesca Popozuda. Revista Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/professor-sai-em-defesa-de-valesca-popuzuda-eu-a-considero-uma-pensadora>>. Acesso em maio 2014.

VALESCA Popozuda é chamada de grande pensadora e “Beijinho no ombro” vira questão de prova. CBN. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2014/04/07/VALESCA-POPOZUDA-E-CHAMADA-DE-GRANDE-PENSADORA-E-BEIJINHO-NO-OMBRO-VIRA-QUESTAO-DE-PRO.html>>. Acesso em maio 2014.

VALESCA popozuda é chamada de pensadora e causa polêmica. A tarde. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/valesca-popozuda-e-chamada-de-pensadora-e-causa-polemica-1582375>>. Acesso em maio 2014